

MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS | OUTUBRO 2019

An illustration of a town with white buildings and red-tiled roofs, set against a light blue sky. A white dove is flying in the sky, with rays of light emanating from it. The style is a watercolor or soft ink drawing.

O QUE
PROCURAMOS
COM A
TECNOLOGIA?
pág. 6

O LUGAR DE
MARIA NA IGREJA
EXPLICADO POR
D. PIO ALVES
pág. 13

**NOVA PRIMAVERA
MISSIONÁRIA NA IGREJA**

Novidade



Calendário 2020



Com as Intenções do Santo Padre e as indicações litúrgicas essenciais (domingos, solenidades, festas e memórias do ano litúrgico). Nos demais dias, a indicação de um santo do martirologio que a Igreja propõe à devoção dos fiéis.

Preços

Portugal: 5,00€
Europa: 7,00€
Fora da Europa: 8,00€

Portes de correio incluídos nos preços.
Envio feito mediante pagamento prévio.

Pedidos: Secretariado Nacional do A.O.
Rua de S. Barnabé, 32 - 4710-309 Braga
livros@snao.pt | www.livraria.apostoladodaoracao.pt

MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS

outubro 2019 // Ano CXLIV, n.º 10

Diretor
António Valério, s.j.

Administração
Rua S. Barnabé, 32, 4710-309 BRAGA (Portugal)

Contactos:
Geral: 253 689 440
Revistas: 253 689 442
Livraria: 253 689 443
Email: revistas@snao.pt
Web: www.revistamensageiro.pt
www.redemundialdeoracaodopapa.pt

Direção de arte e produção gráfica
Francisca Cardoso Girão

Paginação
Ana Miranda

Impressão e acabamentos
Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de São Brás, n.º 1 - Gualtar
4710-073 BRAGA
Contr. n.º 504 443 135

Redação, Edição e Propriedade
Secretariado Nacional do Apostolado da Oração
Província Portuguesa da Companhia de Jesus
(Pessoa Coletiva Religiosa - N.I.F. 500 825 343)

Depósito Legal 11.762/86
ISSN 0874-4955
Isento de Registo na ERC, ao abrigo do Decreto
Regulamentar 8/99 de 9/6, artigo 12º, n.º 1 a
Tiragem: 9.000 exemplares



ASSINATURA PARA 2019

Portugal
(incluindo as Regiões Autónomas): 15,00€

Portugal (2 anos): 29,00€
Europa: 21,00€
26,00 Fr. Suíços
Fora da Europa: 27,00€
35,00 USD
42,00 CAD
Preço por exemplar: 1,40€

Pagar por transferência bancária:
De Portugal:
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255
(Millennium.BCP - Braga);
Do Estrangeiro:
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255
Swift/Bic: BCOMPTPL (Millennium.BCP - Braga)

ATENDIMENTO AO PÚBLICO

Horário: 9h-12h30 / 14h30-19h



SEBASTIÃO DA GAMA

Alexandre Freire Duarte

A primeira vez que ouvi falar de Sebastião da Gama (1924-1952) foi quando alguém me disse que aquele «era a segunda meia-metade da sua alma». Nessa ocasião, passei mais tempo a tentar perceber o motivo de tal afirmação, ponderando mais a fundo a personalidade daquela pessoa que mo «apresentou», do que a tentar conhecer tal poeta setubalense. Isso foi um erro, pois viria a dar-me conta de que aquele meu conhecido, multiplicando quase que até ao infinito as «meias-metades» da sua identidade, dizia exatamente o mesmo de meio mundo de pessoas tão ilustres como ele se cria. Perdoe-me Blaise Pascal por alterar as suas palavras ao dizer, sem grande

inspiração, que, como vemos, o coração tem matemáticas que a matemática desconhece.

Ao longo de dez anos fui tendo tempo para ler toda a aparentemente breve obra daquele que, se pudesse e porventura não tivesse pregustado a destempe a chegada da morte, teria querido sonhar com o zarpar nas pegadas desse outro grande poeta da Arrábida que foi o eremita frei Agostinho da Cruz. Ambos, de facto, enamoraram-se sem cessar por essa pequena cordilheira quase imaterial, mas como que daí vindo um outro mirante mais belo ainda: o monte de La Verna. Aquele onde Francisco de Assis recebeu os seus estigmas enquanto esposo daquela *Dona Pobreza* que, incarnando,

nasceu na casa de outro e foi sepultada no jazigo de outrem. Se a beleza da natureza não é possível de ser escolhida, é-o a capacidade de a deslindar, por mais que, como diz Sebastião da Gama nas suas cartas, seja mais difícil fazer isso do que o mostrar.

Todavia, Sebastião da Gama não admirava apenas esse tão belo promontório: ele amava, dá para se ver limpidamente nos seus poemas mais tardios, especialmente as pessoas. E isso, todos sabemos, leva usualmente a que os grandes poetas – os que passam a vida a lapidar as palavras em vez de se limitarem a importá-las de dicionários e (ou) livros de ciências para si arcanas – sejam, também eles, lapidados de mil e uma formas. Dito isto, tal realidade jamais lhe asfixiou a alegria, a paixão, a humildade, nem tão pouco essa lâmina de oxigénio espiritual que, rasgando o tecido do futuro, é aquela esperança que é tão mais fecunda quão mais compartilhada. Ou seja: quão mais vivida for numa doação mútua que renova incessantemente aquele amor que faz tal esperança projetar o presente para o coração do próprio Senhor do tempo, a Quem Sebastião da Gama tão radicalmente se entregou após a sua conversão ao Catolicismo.

Tal conversão – vazia quer de idolatrias de meias-medidas mirrantes do coração, quer de antologias de doutrinas formalmente corretas mas na prática enganadoras – afastou-o de todo e qualquer culto ao medo. Ela levou-o, sim, a reconhecer que era a afetividade aquilo que melhor glorificava o, para si estranhamente estranho, Deus que é Amor e, assim e face ao padecimento humano, misericórdia. Daqui resultou a recusa de Sebastião da Gama em amá-Lo de modo sectário, pois a felicidade que Ele lhe deu a conhecer nunca foi por si concebida como um truque barato de uma qualquer sedução limitadora da liberdade, antes como a frescura ofegante de uma visão que o impelia a caminhar em busca de um bem a que ele não queria, nem podia, escapar, já que por si identificado com o Deus no ser humano. Com aquele Deus que, quando se deixa de cuidar d'Ele, leva, como vemos diversas vezes no *Diário* deste professor de português, todo aquele que vive a peregrinar no bem, a não cessar de se preocupar em querer cuidar do mal.

Os seus textos poéticos – que raramente consistem apenas em conotações, mas, muito mais, em abraços de proximidade – são uma miscelânea notável do que surge como virtualmente inarticulável noutros poetas. Por um lado, uma sensível alma retesada naquele

beijar o entusiasmo que tantas vezes dá ares de que terá pretendido retrain, e, por outro lado, uma criança humorada que roça a mística mais séria, acabando por, em contraste com outros poetas modernos, conseguir ser totalmente claro mesmo onde a bruma do seu coração se revela. Na realidade, é difícil não sentir que Sebastião da Gama, quiçá num mimetismo distante da transubstanciação que ocorre numa Eucaristia que ele tanto amou, tenta usar a linguagem das mais comuns preocupações das também mais comuns das pessoas para que pudéssemos, lenta e aprazivelmente, sorver, como a um gelado derretido a escoar-se pelas mãos, o sentido das intenções do seu espírito.

Os perigos desta realidade que acabei de mencionar – decorrentes de, com isso, se ter de estar sempre a clamar «o teu coração só vive se arder» – nunca são, por ele, velados. Contudo, ele não os transforma em venenos, antes em quase que sacramentos, no que só posso entender como uma expansão do ser de alguém que sempre mais quis alegrar, do que ser alegrado; mais vitalizar, do que ser vitalizado; mais deixar-se morrer em cada despedida, do que matar em cada cisão fendida. Justamente aqui compreendemos a razão pela qual a morte, para Sebastião da Gama, não era um fim, mas uma partida; não uma derrota, mas uma vitória; não uma qualquer nefanda bruxa pagã que exige que se dê o sangue ao ritmo da vida, mas uma salutar parturiente crística que convida à doação da vida ao ritmo do sangue.

Será que isto era apenas a expressão de uma crença banal, tal como um aluno me disse, um dia, num trabalho sobre este poeta de Azeitão? Até pode ser que tenha sido. Não obstante, pessoalmente até acho que essa designação é um enorme elogio para aquele – inclusive pelo que já disse a respeito de ele abraçar as pessoas mais comuns, numa conjugação ímpar daquela vulnerabilidade invulgar que desfila o amor e aquela humanidade vulgar que é o maior tributo ao Homem (Jesus). E é-o, pois há poucas coisas mais excecionais do que a confiança daqueles em quem raramente alguém quer confiar. Será esta afirmação totalmente descabida? Os textos de Sebastião da Gama parecem estar continuamente a aduzir que só o será se, e só se, o próprio descabimento for descabido e, ao mesmo tempo, a gratidão poupar aqueles que a vivem da própria ingratidão. E isto, se necessário for deixar aqui patente, parece-me inverosímil.